

JOAQUIM PAIVA EXPÕE IMAGENS QUE REGISTROU NO NÚCLEO BANDEIRANTE NOS ANOS 70



O Núcleo Bandeirante, antigamente conhecido como Cidade Livre, é tema das 38 fotografias feitas por Joaquim Paiva que estarão expostas a partir de quinta-feira na mostra Brasília — de 0 aos 40 anos, no Palácio do Itamaraty

PASSADO COLORIDO

Nahima Maciel
Da equipe do **Correio**

O PLANO PILOTO DOS ANOS 70 TINHA FORMAS LIMPAS E CORES BEM DODAS. A TERRAVERMELHA ERA O ÚNICO TOM FORTE AO LADO DO BRANCO E DO CINZA IMPRESSOS NO CONCRETO. NO NÚCLEO BANDEIRANTE, ANTI- GA CIDADE LIVRE, O CENÁRIO ERA OUTRO. CONFUSO, COM RUAS DE TERRA E LETREIROS DE MADEIRA EM CASAS E COMÉRCIOS, DAVA A IMPRESSÃO DEVERDADEIRO FAROESTE.

Mas era nas cores que a cidade se destacava. O vermelho migrou da terra para as paredes de madeira dos barracos e o azul forte das mesmas paredes combinava com o céu. Nessa vivacidade, o diplomata Joaquim Paiva encontrou o conforto de quem vinha do Rio de Janeiro. Não que a Cidade Livre lembrasse a capital fluminense. Mas a alegria das cores quebrava o incômodo da frie-

za reta do Plano Piloto.

E Joaquim Paiva precisou registrar. Fez bem. Trinta anos depois, do colorido só restaram mesmo as fotografias. E olhe lá. Envelhecidas, carregam a melancolia do fotógrafo ao lembrar de imagens perdidas no tempo. A confusão de placas e letreiros do Núcleo Bandeirante continua, mas as cores quentes deram lugar ao branco das casas e dos prédios de alvenaria. "Nada daquilo existe mais, mas isso é natural, as pessoas viam os barracos de madeira como algo provisório, as casas de alvenaria eram um desejo natural", constata, lembrando que o trabalho foi feito com aparelhos simples com lentes normais, de 35 mm. "Talvez se na época já houvesse a consciência de conservação do patrimônio urbano como uma forma de identidade...", romantiza.

Trinta e oito das 78 fotografias feitas por Joaquim Paiva no Núcleo Bandeirante estarão a partir de quinta-feira na mostra *Brasília — de 0 aos 40 anos*, no Palácio do Itamaraty. As imagens vêm acompanhadas de trabalhos de outros dois fotógrafos, ambos norte-americanos, que visitaram a capital no ano passado e deixaram no papel brilhante suas impressões visuais. Todd Eberle e Robert Polidori tiveram ensaios apresentados no Robert Miller Gallery, ano passado em Nova York. Agora, as imagens voltam à origem para serem expostas ao lado dos registros de Joaquim Paiva. A intenção

Fotos: Joaquim Paiva/Divulgação



é mostrar duas épocas e duas visões da maior experiência arquitetônica moderna do planeta.

Mas Joaquim Paiva, 54 anos, nada tem de fotógrafo profissional. Diplomata, funcionário do Itamaraty, passou em Brasília

gar e observar a estética dos trabalhos. "Eu estava certo de que havia uma produção fotográfica muito grande no Brasil, sobretudo porque o que a gente via era o que aparecia nos jornais, a foto-reportagem", conta. Nomes como Miguel Rio Branco, Milton Guran, Luis Humberto e Walter Firmo iam aos poucos construindo a história do fotojornalismo brasileiro.

Joaquim Paiva adquiriu imagens de seu tempo até reunir mais de 1.900 exemplares. A montanha de registros acumulados nos últimos 30 anos concentra boa parte da história da fotografia moderna no Brasil. Entre preciosidades, estão as séries de Sebastião Salgado sobre o homem latino-americano, realizada nos anos 80, e de Mário Cravo Neto, com temática recorrente do negro baiano.

Joaquim Paiva não se limitou a resgatar apenas fotografias documentais, conseguiu acompanhar a apropriação dessa linguagem pelos artistas plásticos. "Sabia que havia muita coisa sendo produzida além do fotojornalismo, não só fotografias comprometidas com a realidade, com a ideologia e questões sociais, mas também coisas que os fotógrafos faziam para expressar sua própria realidade", lembra. Trabalhos que privilegiam a estética ao invés do testemunho também integram a coleção do diplomata. Esse segmento, aliás, motivou exposição no Museu de Arte de La Paz, Bolí-

via, há menos de um ano.

Na mostra realizada na Bolívia, 45 imagens representaram o uso da fotografia nas artes plásticas brasileiras em trabalhos de Rosângela Rennó, Eustáquio Neves e Fernando Lászlo, entre outros. Joaquim acredita numa arte contemporânea comprometida com uma verdade que não é aquela da realidade, mas dos anseios pessoais do próprio artista. "Hoje você tem três vertentes: o fotógrafo, o fotógrafo artista e o artista fotógrafo", explica.

Mas confessa não se encaixar em nenhuma delas. Conselheiro da Embaixada do Brasil em Lima (Peru), Joaquim Paiva continua a manejá suas câmeras e a registrar cenas. As composições das imagens têm a mesma carga cênica das realizadas na então Cidade Livre. Muitos rostos, alguns auto-retratos e pouca arquitetura são as temáticas do que considera "fotos inúteis". "Não tenho uma preocupação em falar da questão social, brinco muito com as imagens", avisa. E por que é inútil? "Porque é aquela foto que você pergunta para que serve".

SERVÍCIO

BRASÍLIA — DE 0 A 40 ANOS
Exposição de 80 fotografias coloridas de Joaquim Paiva, Todd Eberle e Robert Polidori. Abertura dia 4 de maio, às 19h, no Palácio do Itamaraty (Esplanada dos Ministérios). Visitação até o dia 24 de maio, das 9h até 22h (segunda a sexta) e 10h às 16h (sábados e domingos). Entrada franca.